

OMISSÕES DE LETRAS: UMA INVESTIGAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS NAS PRODUÇÕES ESCRITAS DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO PÓS PANDEMIA

Karine do Nascimento Araújo¹

Daniela Paula de Lima Nunes Malta²

Gêneses Soares Pereira³

José Roberto Moreira de Barros⁴

Yara Kirya Brum⁵

Resumo: As produções escritas dos alunos do ensino médio, mas especificamente no período pós pandemia, mostra-nos que eles ainda possuem grande dificuldade em escrever de acordo com a forma padrão. Esse fato se deve porque eles se apropriam da sonoridade das palavras e as transferem para a escrita. Contudo, a pandemia de COVID-19 trouxe mudanças significativas para todos os setores da sociedade, e a educação não foi exceção. O ensino remoto emergencial, com suas particularidades, deixou marcas profundas na forma como os alunos produzem textos atualmente. Nem todos os alunos tiveram acesso igualitário a computadores e internet, o que limitou suas possibilidades de produção textual, aliados à ausência de um feedback constante do professor, pode ter prejudicado o desenvolvimento da escrita. O presente artigo visa analisar quais desvios de ortografia são mais pertinentes nas produções escritas dos alunos do Ensino Médio. Assim, a partir da coleta dos dados, atividades interventivas serão propostas a fim de que as problemáticas oriundas desse período de defasagem possam ser sanadas ou melhorados.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Ortografia. Desvios.

1 Especialista em Metodologia de Língua Portuguesa e suas Literaturas.

2 Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: malta_daniela@yahoo.com.br

3 Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: geneses.pereira@fale.ufal.br

4 Especialista em Arquitetura de Hospitais, Clínicas e Laboratórios pela Universidade Paulista. E-mail: jrobsp@hotmail.com

5 Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: kirya1982brum@gmail.com

Abstract: The written productions of high school students, but specifically in the post-pandemic period, show us that they still have great difficulty writing according to the standard form. This fact is because they appropriate the sound of words and transfer them to writing. However, the COVID-19 pandemic brought significant changes to all sectors of society, and education was no exception. Emergency remote teaching, with its particularities, left profound marks on the way students currently produce texts. Not all students had equal access to computers and the internet, which limited their possibilities for textual production, combined with the lack of constant feedback from the teacher, which may have hampered their writing development. This article aims to analyze which spelling deviations are most relevant in the written productions of high school students. Thus, based on data collection, intervention activities will be proposed so that the problems arising from this lag period can be resolved or improved.

Keywords: Orality. Writing. Spelling. Deviations.

Introdução

Aprender a falar faz parte de nossa herança genética. A capacidade de se desenvolver a oralidade é algo universal da humanidade desde os tempos antigos, enquanto que a escrita não é uma herança biológica, mas sim cultural adquirida posteriormente à fala.

A princípio, é inquestionável que a apropriação do sistema de escrita não ocorre de maneira abrupta. Ela é um processo gradativo, visto que, não se aprende a escrever de forma imediata, e muito menos se apoiando na fala. Para obter-se o aprendizado de uma linguagem escrita formal é necessário que o indivíduo em processo de aquisição deixe de se apoiar única e exclusivamente na oralidade e passe a se apoiar no contato visual com as palavras.

Ademais, é de senso comum que dificuldades e erros são ocorrências esperadas durante todo o processo de aquisição da escrita, já que nosso idioma possui um sistema de escrita em que muitas das letras possuem mais de uma representação sonora. Todavia, tais imbróglis devem ser superados ao longo das etapas escolares, entretanto o que se percebe é que as produções textuais dos alunos do ensino médio ainda contêm muitos problemas ortográficos, e isso acabou sendo potencializado no período da pandemia.

A pandemia de COVID-19 não afetou apenas o setor da saúde.

Ela impactou significativamente diversos setores da sociedade, incluindo a educação. A brusca transição para o ensino remoto emergencial, imposta pela necessidade de isolamento social, trouxe uma série de desafios, especialmente no que concerne à produção textual dos alunos. A escrita, historicamente considerada uma habilidade fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social, viu-se submetida a novas dinâmicas e contextos. A ausência de interação presencial com professores e colegas, a falta de recursos adequados em muitos lares e a sobrecarga emocional gerada pela pandemia foram alguns dos fatores que podem ter influenciado a qualidade e a quantidade da produção textual dos estudantes.

Diante disso, surgiu a necessidade de se coletar quais desvios ortográficos os discentes do ensino médio pós pandemia mais cometem em suas produções escritas, a fim de que mediante tal coleta, possamos analisar os principais impactos da pandemia na produção textual, e em decorrência disso, elaborar propostas de atividades que tentem sanar ou melhorar os problemas com a ortografia.

A investigação foi realizada com duas turmas de 1ª série do ensino médio, sendo que uma turma com 35 alunos e a outra com 38 alunos. Para verificação das ocorrências, foram solicitadas aos alunos produções textuais, a fim de que por meio delas os desvios ortográficos pudessem ser identificados e analisados. Cada aluno produziu ao longo da coleta duas produções textuais, totalizando um corpus de 146 textos.

Fundamentos teóricos

Adquirir habilidades com a linguagem oral não é algo tão complexo. Entretanto, com a escrita sim. Por termos um sistema alfabético que não estabelece sempre uma relação de conformidade, acabamos muita das vezes por cometermos desvios na ortografia das palavras da Língua Portuguesa.

Com o passar dos anos, foi possível perceber mudanças no que diz respeito aos estudos relacionados à linguagem. A escrita e a oralidade passaram a ser estudada de maneira relacionada, pois se temos um sistema alfabético que possui várias possibilidades de representação no sistema fonético, então escrita e oralidade devem caminhar lado a lado. De acordo com Silva, (2008, p. 39)

se pensarmos em exemplos do Português, logo notaremos que uma letra (grafema) não corresponde necessariamente a um som, de modo que mais de um som pode ser representado pela mesma letra

ou, ao contrário, um mesmo som pode ser representado por diversas letras [...].

Partindo desse pressuposto, podemos constatar que a escrita e a oralidade são práticas sociais com características próprias. Por exemplo, a letra “e” pode ser falada como “i”, mas sua escrita não se altera em decorrência da fala. Da mesma maneira a letra “o” pode ser pronunciada como “u”, porém na escrita não deve ser escrita como se fala. Sendo assim, no processo de aquisição da escrita é notório que o aluno comece a escrever inserindo elementos da fala em seus textos.

Contudo, já se sabe que a correspondência entre letra e fonema dificilmente é coerente, pois nem sempre a letra na língua escrita tem a mesma correspondência na língua falada. Para Zorzi, (2003) apesar da escrita ser baseada na fala, ela não é seu espelho, pois não há uma correspondência biunívoca entre fonema com a escrita. O autor ainda ressalta que

Na Língua Portuguesa, existem relações estáveis entre grafemas e fonemas. Todavia existem fonemas, como o /s/ por exemplo, que pode ser representado por diversos grafemas, tais como: s, ss, sc, sç, ç, c. [...] como não há uma correspondência exata entre o número de grafemas e o de fonemas na língua, os erros de ortografia geralmente refletem essa falta de correspondência entre o sistema de fonemas e o sistema de grafemas.

Além desses apontamentos feitos por Zorzi, também podem ser encontrados com frequência exemplos de troca de fonema de uma palavra não pela representação múltipla que ele representa, mas pela representação surda/sonora de alguns fonemas. Nesse sentido, Oliveira (1990, p. 22) afirma que

Um problema muito frequente em sala de aula tem a ver exatamente com essa troca de sons: os professores, ao darem o ditado de palavras para seus alunos, pronunciam as palavras em voz alta. Os alunos, por sua vez, não podem repetir as palavras em voz alta e, então, sussurram as palavras antes de escrevê-las. Ao fazerem isso, eles acabam “ensurdecendo” todos os sons (pois é isso que acontece quando sussurramos) e, ao grafarem as palavras, utilizam letras apropriadas aos sons surdos, mesmo quando os sons da palavra ditada são sonoros.

Desse modo, fica claro e evidente que os alunos escreverão inadequadamente em várias situações que envolvem a escrita. Se não houver uma prática interventiva que busque diminuir tais ocorrências

na ortografia, conseqüentemente esses alunos avançarão na série, mas continuarão com os mesmos problemas de desvios ortográficos.

A respeito disso, vale ressaltar a importância da teoria da psicogênese da língua escrita. Tal teoria propõe que, antes de as crianças compreenderem o sistema alfabético, elas constroem diversas hipóteses sobre a escrita. Esse estudo é aplicado principalmente na educação infantil, uma vez que busca entender a alfabetização além do convencional, considerando a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos ou mentais durante a aprendizagem da leitura e da escrita. Nesse sentido, Emília Ferreiro define que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p. 23)

Os desvios de ortografia não devem ser tratados como erros, mas também não devem ser ignorados. Os professores de Língua Portuguesa devem trabalhar a diversidade linguística existente e mostrar para o aluno que a variante culta deve ser dominada por ele. Nesse sentido, o professor de Língua Portuguesa deve propor aos alunos uma reflexão sobre a língua e suas variantes, a fim de que eles percebam que os desvios ortográficos ocorrem na maioria das vezes mais por questões fonológicas do que por gramaticais. A respeito disso, Bagno afirma que:

Parece ser mais interessante estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p.32)

Nesse sentido, as aulas de Língua Portuguesa devem propor aos alunos que eles sejam parte atuante no processo de construção da aquisição da escrita, sendo um sujeito que tenha condições de refletir sobre os sons das palavras que ele ouve, para a partir disso, estabelecer relações com as normas oriundas da gramática normativa.

Sendo assim, devemos envolver os alunos na experiência de adquirir o conhecimento, enfatizando o que aprender em vez de apenas repassar o conteúdo proposto, ou seja, o como, pois conforme os autores ressaltam, o

processo se torna mais eficaz quando se aprende naturalmente.

Os professores de Língua Portuguesa já enfrentavam grandes dificuldades em relação à ortografia dos alunos antes da pandemia, porém, com o advento dela, os desafios aumentaram significativamente. Os familiares passaram a assumir o papel de mentores dos estudantes. Para Navarro et al. (2021), no campo do ensino da escrita, durante a pandemia de Covid-19, as famílias passaram a ocupar um lugar central, compartilhando e apoiando as tarefas de ensino dessa prática de linguagem.

A necessidade de adaptar o ensino presencial ao ensino remoto evidenciou desafios inerentes. Diversas dificuldades foram encontradas ao longo do processo, tais como: adaptação das famílias, o acesso à internet, o uso de ferramentas tecnológicas como suporte de estudo, entre outros. Os alunos mais vulneráveis foram impactados diretamente, pois não possuíam o suporte necessário para darem seguimento aos estudos durante o período crítico.

Diante do exposto, a produção textual exige novas abordagens pedagógicas no pós-pandemia, para que os problemas em relação à ortografia dos alunos possam ser minimizados diante do cenário atual.

Métodos da pesquisa

A pesquisa foi realizada com duas turmas 1ª série do ensino médio, de uma escola pública localizada na zona leste de Manaus, sendo que uma turma com 35 alunos e a outra com 38 alunos. De início, foi solicitado aos alunos que fizessem produções textuais, de modo que por meio delas pudéssemos identificar os desvios ortográficos cometidos. Cada aluno produziu ao longo da coleta duas produções textuais, pois queríamos observar se o mesmo desvio ortográfico se repetia nas demais produções.

No total foram analisados 146 textos. Diante dessas análises, montamos uma tabela com a classificação dos desvios ortográficos encontrados, e em conseqüente um gráfico para expor o percentual dos desvios. Após a coleta e análise, propõe-se que atividades interventivas sejam realizadas.

A pesquisa foi desenvolvida com as duas turmas de 1ª série nos meses de abril a julho de 2024. No mês de abril, iniciou-se a coleta dos dados. Os alunos fizeram uma produção textual, gênero relato pessoal. A partir dessa produção, já foi possível começar a identificar os desvios ortográficos recorrentes. Entretanto, para termos certeza da recorrência de

tais desvios, uma segunda produção textual foi pedida aos alunos.

De posse das produções textuais, foi possível começar a tabular os tipos de desvios que mais ocorriam nas produções dos alunos. As análises foram feitas de modo geral, ou seja, não houve separação por turma e nem por gênero. Os desvios foram coletados da seguinte maneira: a cada produção textual lida, procurava-se identificar os desvios cometidos e não a quantidade de desvio do mesmo tipo que cada aluno escrevia.

A análise dos dados foi feita de forma quantitativa e qualitativa a fim de apresentar a porcentagem e a classificação dos desvios ortográficos encontrados. Diante da análise, houve propostas de atividades interventivas que tentassem sanar os desvios ortográficos dos alunos, por essa razão, a pesquisa foi dedutiva e indutiva.

Analizando e refletindo sobre os dados coletados

Os dados foram coletados com duas turmas de 1ª série do ensino médio de uma escola pública de Manaus nos meses de abril a julho de 2024. Por meio da coleta obtida, foi possível identificar que apenas um tipo de desvio ortográfico, segundo a classificação de Zorzi, tem ocorrência quase que nula: inversão de letra.

No total, foram analisados 146 textos, dos quais foi possível identificar um número bastante expressivo de desvios ortográficos. Na tabela 1 é apresentada a frequência dos desvios ortográficos encontrados nas produções textuais dos alunos, assim como a porcentagem desses desvios.

Tabela 1 – Frequência dos desvios ortográficos encontrados nas produções textuais dos alunos

Item	Quantidade	Percentual
Número de Alunos	73	
Textos analisados	146	
Tipos de desvios:		
Omissões	130	89%
Acentos Gráficos	123	84%

Apoio na Oralidade	119	81%
Confusão AM/ÃO	106	60%
Junção/Separação	94	72%
Representação Múltipla	94	72%
Acréscimo de Letra	73	50%
Trocas surdas/sonoras	22	15%
Inversão	17	11%
Letras Parecidas	03	3%

Fonte: Araújo (2024)

Os desvios mais recorrentes foram: omissões, acentos gráficos, apoio na oralidade, confusão AM x ÃO e junção/separação, representação múltipla, sendo que “omissão de letras” corresponde ao maior percentual dos desvios.

Essa experiência, de coletar dados para saber quais desvios se apresentam com maior frequência, já foi realizada por Zorzi. Todavia, na pesquisa de Zorzi, percebeu-se que o desvio “apoio na oralidade” aparece com maior percentual cometido pelos estudantes. Já na presente pesquisa com os alunos da 1ª série do ensino médio, percebe-se que “omissões de letras” é o tipo de desvio que sobressaiu.

A partir dos dados analisados foi possível perceber que o impacto da pandemia de COVID-19 foi grande, pois conforme exposto na tabela, foi possível verificar que as porcentagens para os problemas foram altas. Os resultados desta pesquisa evidenciaram que a pandemia desencadeou uma série de desafios para a produção textual dos estudantes.

Os dados da pesquisa nos mostram que é perceptível o quanto a pandemia impactou os estudantes. Quando a pandemia começou, os alunos da 1ª série estavam adentrando ao 6º ano do ensino fundamental II. Estavam vindo de uma fase de ensino e não puderam vivenciar socialmente a nova fase de ensino que se iniciara, haja vista a situação.

Dessa forma, é nítido afirmar o quanto a ausência do ensino presencial durante o início do ensino fundamental II comprometeu drasticamente o desenvolvimento das competências e habilidades de aquisição da ortografia. No que representa a ausência de interação escolar, compreendemos a importância da aprendizagem colaborativa, sobretudo no processo de aquisição da leitura e da escrita em que o aprendizado

compartilhado faz com que uns aprendam com os outros, propiciando uma melhor desenvoltura dos sujeitos.

Portanto, é necessário que a educação pós-pandemia tenha uma nova abordagem com o fito de complementar o ensino defasado, para tentar minimizar essa lacuna que ficou na educação. A necessidade que antes já era vista de forma clara, devido a fatores diversos, no pós-pandemia ficou ainda mais visível e vem crescendo a cada dia. Urge que novos modelos, de consolidação do ensino sejam colocados em prática o quanto antes, para que dessa forma, a nossa educação avance ao invés de retroceder.

Conclusão

A pandemia da COVID-19 representou um divisor de águas na educação, impondo desafios inéditos e exigindo adaptações rápidas e significativas. No que diz respeito à produção textual, os impactos foram profundos e complexos, afetando tanto os alunos quanto os professores.

Sabe-se que a aquisição da ortografia é um processo que deve ser trabalhado gradativamente ao longo da vida escolar do aluno, mas precisamente no ensino fundamental I. Mediante o exposto, esse trabalho buscou mostrar por meio das hipóteses levantadas que embora os alunos já estejam na modalidade do ensino médio, ainda cometem muitos desvios ortográficos.

Ao analisarmos a aprendizagem da escrita, devemos levar em consideração aspectos ligados às condições em que o sujeito aprendiz vive, pois elas influenciam em muito o processo de aquisição da linguagem escrita. Deve-se considerar além dos acertos, também os erros. Ao longo da pesquisa foi possível constatar as hipóteses apontadas que levaram ao experimento. Além delas se confirmarem, outras notações foram percebidas.

A pandemia da COVID-19 revelou a fragilidade de um sistema educacional que não estava preparado para lidar com as demandas do ensino remoto, impactando significativamente a produção textual dos alunos. No entanto, este período também ofereceu oportunidades para repensarmos as práticas pedagógicas e buscarmos soluções inovadoras.

Diante desse cenário, é fundamental que sejam adotadas medidas para minimizar os impactos da pandemia e promover a melhoria da produção textual dos alunos. Sendo assim, é preciso modificar a forma como a aprendizagem será executada e criar e implementar novas estratégias que tornem tal aprendizagem significativa. Precisamos enfrentar esse desafio,

deixarmos as práticas metodológicas malsucedidas e adotarmos práticas que contribuam significativamente no processo de aquisição da linguagem escrita, para que dessa forma possamos melhorar os problemas com os desvios que envolvam a ortografia.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo, Loyola, 2000.
- DILTS, Robert; TODD, Epstein A. **Aprendizagem dinâmica 1**. São Paulo: Summus, 1999.
- DILTS, Robert; TODD, Epstein A. **Aprendizagem dinâmica 2**. São Paulo: Summus, 1999.
- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Márcio Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- NAVARRO, F.; LERNER, D.; MENESES, A.; LÓPEZ-GIL, K. S.; ARTAL, R.; OTERO, P. Enseñar a leer y escribir en pandemia. **Textos. Didáctica de la Lengua y la Literatura**, v. 1, n. 92, p. 57-62, 2021. https://www.researchgate.net/publication/350705763_Ensenar_a_leer_y_escribir_en_pandemia Acesso em: 24 de julho de 2024.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG . 12, n.1, p. 33-43, 1990, 2005.
- SILVA, Adelaide Hercilia Pescatori. **Língua Portuguesa I: fonética e fonologia**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.
- ZORZI JL. **O que devemos saber a respeito da linguagem escrita e seus distúrbios: indo além da clínica**. In: Andrade, C. R. F.; Marcondes, E.. (Org.). Fonoaudiologia em pediatria. São Paulo, 2003, v. 1
- ZORZI JL. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais**. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2003.